

"SUA MAJESTADE, O PRESIDENTE"

Austregésilo de Athayde

A Editora da Universidade de Brasília, em sua coleção **Temas Brasileiros**, acaba de publicar, meio século depois, em escorreita e fidedigna tradução de Leda Boechat Rodrigues, com uma lúcida apresentação de José Honório Rodrigues, o livro de Ernest Hambloch, **Sua Majestade o Presidente do Brasil**. Lembro-me muito bem da celeuma organizada por grupos nacionalistas e fascistas, quando apareceu esse estudo. Era do interesse político das facções antidemocráticas levantar a opinião pública mal informada, sobretudo estudantes facilmente inflamáveis, contra o inglês que aqui fora cônsul do seu país e, cessada a sua função, decidira permanecer no Brasil, país muito do seu agrado e a que prestou reais serviços no campo das atividades relacionadas com o intercâmbio comercial anglo-brasileiro. Foi um jornalista objetivo e sincero, em cujos artigos e depois neste livro revelou altas qualidades de sociólogo, colocando-se assim e com outra projeção de veracidade na linha dos viajantes estrangeiros que conviveram conosco e deram mais tarde em livros o depoimento desse convívio social, político e econômico.

No tempo do aparecimento de **His Majesty the President of Brazil** encontrávamo-nos no começo da ditadura do presidente Vargas, mas já em plena organização de nazistas, fascistas e integralistas, que apenas acompanhavam o grande movimento antidemocrático que dominava alguns países europeus. O autor teve que sofrer, como era inevitável, não apenas invectivas da parte da juventude facilmente mobilizável, como também do próprio Governo, que via em sua crítica de caráter histórico e sociológico a intenção de colocá-lo mal no conceito do mundo civilizado. Hambloch teve assim que pagar a conta da sua lealdade de jornalista e escritor a fatos que longamente observara e de que dera uma interpretação genuína em seu livro, hoje peça indispensável na estante dos estudiosos da evolução política do Brasil.

A análise crítica de **His Majesty the President of Brazil**, que não é um panfleto político ocasional de cunho ideológico ou manifestação de antipatia e má vontade, não se comporta para um completo entendimento nas curtas linhas deste comentário. Com o passar do tempo e o próprio desenvolvimento do País, no curso deste meio século, podemos apreender nele o sentido de profundidade e idealismo que o inspirou. Talvez a idéia de Hambloch fosse a de repetir em relação ao nosso País o estudo crítico de Alexis de Tocqueville ou de seu compatriota Lord Bryce a respeito dos Estados Unidos. Há muitas coincidências nas observações

dos três autores que bem justificam a suposição de que Hambloch se inspirou neles. A nossa organização ou desorganização política, o descompasso entre as leis e a prática, o caráter do povo brasileiro, as suas aspirações e justos títulos à grandeza de seu futuro são submetidos no livro a um exame rigorosamente científico, que em sua argumentação básica parte da experiência da democracia inglesa. O estabelecimento de um padrão preconcebido para os valores sociais e políticos da América Latina, sem a identificação dos povos com o meio e a história, representará talvez um ponto débil no livro de Ernest Hambloch.

(Do Diário Mercantil, Juiz de Fora,
8-5-1983.)

*